

Sincronia, diacronia e sintemática. Contribuições para uma teorização do estudo dos sintemas

MARIA JOÃO MARÇALO
Universidade de Évora

Fecha de recepción: 29 de marzo de 2006

Fecha de aceptación: 22 de junio de 2006

Resumo: Para uma descrição da sintemática, interessam-nos à partida, de modo provisório, todos os grupos linguísticos formados por combinação fixa de dois ou mais monemas. Defendemos que um trabalho sobre sintemas, mais do que um estudo dos usos registados, deverá ser um estudo das potencialidades do sistema linguístico particular constituído pela sintemática. A sincronia dinâmica é a perspectiva adequada para uma observação, descrição e explicação dos processos sintemáticos do português contemporâneo. Uma descrição da sintemática do português terá consequentemente de ser uma descrição da sincronia dinâmica.

Palavras-chave: sintemas, sincronia dinâmica, corpus, sintaxe

Abstract: Towards a description of the synthematic system, we are interested in studying all the linguistic groups formed by the combination of two or more monemes. We think that a work on synthematics should be a study on the potentialities of the system. The dynamic synchrony gives us the best tool for a fair description of the portuguese system of synthemes.

Key words: synthematics, dynamic synchrony, corpus, syntax

Décrire une langue, c'est indiquer ce en quoi
elle diffère de toute autre.

A. Martinet, *La Linguistique synchronique*

Desde o início do século XX, o ensinamento saussuriano tem actuado como fertilizador de múltiplas correntes estruturalistas que actualmente em poucos aspectos convergem. Impôs-se em todas estas teorias, denominadas estruturalistas, o primado da descrição sincrónica; contudo, no que à metodologia e aos princípios diz respeito, são inequívocas as divergências. As próprias identidades de terminologia velam fossos doutrinários dificilmente ultrapassáveis ou raramente conjugáveis. Tentar produzir uma análise equilibrada da sintemática do português a partir da hibridez das diferentes perspectivas da linguística contemporânea dificilmente nos conduziria a bom porto. Mal comparando, seria como conjugar tipos de medicinas assentes em práticas e pressupostos diferentes, entre as quais a heteroavaliação dos princípios postulados por cada uma delas raramente é positiva. Um licenciado em medicina pelas nossas faculdades tradicionais terá sérias dificuldades e grandes resistências à inserção de práticas ditadas pelos princípios da medicina milenar chinesa que utiliza técnicas como a acupunctura.

Toda e qualquer ciência implica a eleição de um ponto de vista específico ou ângulo de visão. Nas ciências da natureza esse ângulo particular é imposto ao investigador pela própria natureza, pelo mundo e sua peculiar estruturação. Contrariamente, nas ciências das culturas observam-se universos comportamentais diferentes de comunidades para comunidades decorrentes da vida em sociedade. São pois relevantes, nas ciências das culturas, os traços específicos que distinguem cada cultura.

A linguística é uma das ciências das culturas. Em linguística estudam-se as línguas, instrumentos de comunicação duplamente articulados e de carácter vocal.

Os linguistas terão bem presente a máxima saussuriana de que é o ponto de vista que cria o objecto. Efectivamente, toda e qualquer ciência precisa de bem delimitar o seu campo e de explicitar o ponto de vista adoptado. De igual modo precisa de indicar claramente o uso que faz dos termos escolhidos, facultando uma definição exacta do que é abrangido por cada termo, ou seja, dito de outro modo, toda a ciência deve redefinir ou eventualmente criar a sua terminologia. A delimitação do valor dos termos usados por um investigador é condição sine qua non para ultrapassar os estádios pré-científicos em que é possível atribuir às palavras o valor que mais apraz ao investigador num dado momento.

Para fazer ciência não são indispensáveis fórmulas matemáticas ou densos tratamentos estatísticos. O carácter científico de uma investigação não fica inequivocamente provado pelos tratamentos matemáticos de que podem ser alvo os dados compilados.

A ciência, para o ser, implica a eleição não só de um objecto de estudo, mas também do ângulo particular de observação que permitirá ajuizar da relevância ou não de um ou outro dado. Como sublinha Martinet : “il n'est pas nécessaire d'arriver jusqu'à des formules mathématiques et des traitements numériques pour faire de la science. Celle-ci commence au moment où l'on a choisi délibérément un objet d'étude et un angle particulier de vision” (1985, SG, 7).

Para se distinguir de uma reflexão metafísica ou filosófica, uma ciência deverá eleger uma pertinência que lhe permita descrever certos factos, evitando e opondo-se a que essa ciência pretenda apresentar na íntegra a variedade infinita do mundo.

O funcionalismo interessa-se pela linguagem materializada nas diferentes línguas. As diferenças das estruturas linguísticas não são acidentais, mas sim consubstanciais às próprias línguas. Uma língua é um instrumento de comunicação de carácter vocal e duplamente articulado e as condições enumeradas na definição empírico-dedutiva de uma língua são as necessárias e suficientes para identificarmos os objectos línguas. Uma vez reunidas as características presentes na definição, um mar de possibilidades se abre às características estruturais das mais variadas línguas.

Poderia ter interesse num trabalho de outra natureza compilar as múltiplas definições que encontramos de língua em dicionários e obras várias de estudos linguísticos. Para nós, porém, eleito o quadro teórico do funcionalismo, abstemo-nos de outras definições e atemo-nos ao conceito de língua postulado por Martinet na

seguinte definição: "Une langue est un instrument de communication selon lequel l'expérience humaine s'analyse, différemment dans chaque communauté, en unités douées d'un contenu sémantique et d'une expression phonique, les monèmes, cette expression phonique s'articule à son tour en unités distinctives et successives, les phonèmes, en nombre déterminé dans chaque langue, dont la nature et les rapports mutuels diffèrent eux aussi d'une langue à une autre" (1985, SG, 27).

Em linguística, tal como noutros domínios da investigação, toda e qualquer pesquisa deverá fugir ao subjectivismo (não é aceitável uma linguística introspectiva), deverá trabalhar com dados verificáveis e, ainda que provisoriamente, deverá restringir-se a um campo delimitado para o qual elegeu um ponto de vista definido. Será este ponto de vista que permitirá decidir da relevância ou irrelevância de um ou outro facto. O princípio da relevância ou pertinência foi formulado nos anos vinte por Karl Bühler, em Viena. Martinet diz-nos repetidas vezes que este princípio da pertinência é o princípio básico de qualquer pesquisa científica: "Toda a ciência se caracteriza menos pela escolha dos objectos que pela escolha de certas características desses objectos. Toda a ciência assenta numa pertinência." (Martinet, 1995, FDL, 59)

Exemplifiquemos com um quadro do quotidiano. Consideremos uma dúzia de facas, umas maiores, outras mais pequenas, duas de prata, três de plástico, as restantes de inox, algumas com cabos de madeira castanha-clara, outras com cabos de plástico pretos, outras ainda com cabos de plástico com desenhos coloridos. O que será relevante neste conjunto de facas? As suas cores? O material de que são feitas? Certamente que o mais importante será considerar as facas do ponto de vista da sua utilidade: uma faca é um instrumento que serve para cortar. A sua função principal é cortar, o que não invalida que existam outras pertinências. Se estiver a pôr a mesa para duas pessoas terei a preocupação de, além de não me esquecer dos instrumentos de cortar, as facas, seleccionar por motivos estéticos, duas facas iguais, etc. Se a função relevante num dado momento for contrária à função usual, por exemplo deixar uma criança brincar com uma faca para a familiarizar com os talheres, mas com a preocupação de assegurar que a criança não se corte, escolherei uma faca de plástico ou uma faca própria de criança. Ou seja, o modo como lidamos com um objecto obedece sempre a uma pertinência previamente definida.

Toda a ciência pressupõe uma pertinência, dado que não é por si mesma susceptível de esgotar a descrição de um objecto.

Nas ciências das culturas, o exame científico das actividades humanas ou o exame dos usos que o homem faz da realidade para determinados fins, não pode ignorar a intenção com que se age. A intenção funda a pertinência.

Os factos reais que o linguista se propõe analisar são necessariamente sujeitos à apreciação do investigador. Tal como em todas as ciências humanas das culturas, o observador "filtra" os factos reais. Os *phenomena*, os factos em bruto, não são apreendidos directamente, mas sim submetidos a filtros ou protocolos fornecidos pela teoria, tais como os alfabetos fonéticos, etc. Pressupõe-se que os filtros ou

protocolos nos permitem apreender as características essenciais para a descrição dos dados em bruto.

Um corpus é enquanto tal uma construção teórica, um conjunto de dados reelaborado pelo observador.

O linguísta procura descrever uma língua, mas para tal apenas disporá de um corpus. O corpus é estabelecido em função da pesquisa que se pretende efectuar. O tipo de corpus deve ser adequado ao método de análise e ao tipo de pesquisa. Como notava Gisèle Ducos, aquando do XIX Colóquio de Linguística Funcional, que teve lugar em Coimbra, “Le corpus n’est pas quelque chose de fini tant que l’étude n’en est pas terminé et donc qu’il n’y a pas véritablement de limite très précise entre le temps de la collecte des données et celui de l’analyse”.

Para uma descrição da sintemática, interessaram-nos à partida de modo provisório, todos os grupos linguísticos formados por combinação fixa de dois ou mais monemas.

A obtenção de um corpus quantitativamente importante e variado a partir de registos da fala, método comumente usado para vários aspectos da descrição linguística, exigiria um enorme volume de registos que só poderiam ser adequadamente trabalhados a longo prazo por uma equipa de investigadores. Os critérios usados para seleccionar os sistemas serão:

- a) o tratar-se de sequências de palavras cuja ocorrência conjunta indicie um comportamento unitário,
- b) o tratar-se de uma sequência de palavras originada por uma escolha única por parte do falante,
- c) o tratar-se de uma sequência de palavras necessariamente memorizada como unidade pela comunidade linguística.

Acrescente-se ainda, que um trabalho sobre sistemas, mais do que um estudo dos usos registados, deverá ser um estudo das potencialidades do sistema linguístico particular constituído pela sintemática. Advogamos como consequência o uso de um “corpus teoricamente ilimitado”, pretensão legítima que vemos corroborada nas palavras de Martinet que transcrevemos e cuja pertinência epistemológica justifica a extensa citação: “It is clear that if we wish to describe a language as such, we will not be content with a limited corpus, because that corpus will certainly not give us all the information we need. The only way to operate is to proceed from an open corpus, one that can be enlarged at will by observing the performance of our informants and never refraining from asking leading questions if they prove necessary for the elucidation of some problem”.

Como em qualquer outro trabalho desta natureza, difícil será garantir que os exemplos sejam verdadeiramente representativos das estruturas sintemáticas da língua em causa. Não será, pois, de oferecer um corpus extraído em bruto das trocas linguísticas, mas sim um corpus filtrado pelos indícios daquilo que à partida procuramos: unidades significativas formal e semanticamente analisáveis em dois ou mais de dois monemas com um comportamento sintagmático e paradigmático

unitário. A decisão sobre se estes potenciais sintemas o são efectivamente é ditada por critérios de natureza sintáctica. As unidades significativas que se inscrevem no âmbito da sintemática deverão evidenciar um comportamento sintáctico idêntico aos dos monemas da mesma classe com os quais comutam.

Nada impede que consideremos no campo da sintemática, uma pertinência geral que por sua vez se manifesta em pertinências sucessivas.

A explicitação de uma pertinência é já em si um facto teórico, como defendem André Martinet e Sándor Hervey.

No estudo de uma língua, impõe-se a pertinência comunicativa, embora, como já referimos, uma pertinência não exclua definitivamente outras. Está por experiência provado que o funcionamento de uma língua e a sua evolução são determinados pela pertinência comunicativa.

A pertinência comunicativa articula-se por seu turno directamente em duas outras pertinências, a distintiva ou fonológica e a pertinência significativa.

Na Europa, graças a Saussure, instalou-se a concepção de signo linguístico como união indissociável de um significante e de um significado, porém tal apresentação patenteou o demérito de obscurecer a percepção de que o significante, face manifesta do signo, existe para manifestar o significado, atribuindo-lhe, teoricamente, uma forma diferente da de todos os outros significados da língua em causa. Menosprezou-se ainda o facto de em última instância o papel distintivo do significante residir verdadeiramente nos fonemas que o constituem. A concepção mentalista dos conceitos de significante e significado legada por Saussure não nos fornece magnitudes linguísticas nem tão pouco linguisticamente definíveis para a identificação dos sintemas, pelo que operaremos com os conceitos exclusivamente linguísticos que decorrem do postulado na definição de língua antes enunciada.

A terminar o Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure, pode ler-se que se propõe o estudo das línguas pelas línguas e não com qualquer outro fim ou propósito. Como se sabe, a edição do Curso é póstuma, teve lugar três anos depois da morte de Saussure e foi feita com base nos apontamentos de alunos dos três cursos de linguística leccionados na Universidade de Genebra. Crê-se hoje que tal frase nem sequer foi produzida por Saussure, mas pelos editores. Certo é que tal postulado marca revolucionariamente a linguística do século XX. Passa-se dos estudos das línguas justificado pelas mais variegadas razões, para o estudo das línguas em si e por si.

Nesta linha de pensamento inaugurada nos princípios deste século, é fundamental que se propugne uma linguística imanente, que parte do próprio objecto pelo próprio objecto.

Nos estudos linguísticos pós saussurianos faz-se, regra geral, a distinção entre dois modos de observar os factos linguísticos, em diacronia ou em sincronia. Saussure no Cours de Linguistique Générale, estabelece a distinção entre duas linguísticas, uma estática e outra evolutiva, como evidencia o título do terceiro capítulo “La linguistique statique et la linguistique évolutive”, acrescentando que

“est synchronique tout ce qui se rapporte à l’aspect statique de notre science, diachronique tout ce qui a trait aux évolutions” (1972, 117).

O factor tempo, segundo Saussure, determina que todas as ciências separem o eixo das simultaneidades do eixo das sucessividades. A linguística, não escapando ao factor tempo, deverá também ela atender a duas ordens de fenómenos relativos ao mesmo objecto: a língua poderá ser descrita em um dado estado da sua evolução ou na sua evolução. A linguística será então sincrónica, ao abordar os factos decorrentes no eixo das simultaneidades e será diacrónica ao estudar o eixo das sucessividades onde ocorrem as evoluções. Qualquer sistema de valores deveria ser estudado tendo em conta estes dois eixos, sendo esta necessidade proporcional em ordem directa à complexidade do sistema. A linguística tem, então, duas tarefas distintas, estudar a língua enquanto sistema de valores em si, e os mesmos valores em função do tempo. Saussure, opondo as relações no sistema e as relações no tempo, constituindo elas momentos de estudo diferentes, cria duas linguísticas. Ao reflectir sobre os termos que se oferecem para designar essas duas linguísticas, conclui que não são os mais adequados. Linguística histórica apresenta-se demasiado vago, opta por falar em linguística evolutiva, que considera mais preciso, opondo-a à ciência dos estados da língua ou linguística estática. Se o título do capítulo III do Cours é precisamente este, “La linguistique statique et la linguistique évolutive”, o ponto 1 desse mesmo capítulo termina com a introdução das designações ainda “mais precisas”, segundo Saussure, “que melhor marcam a oposição e o cruzamento de duas ordens de fenómenos relativas ao mesmo objecto”, de linguística sincrónica e diacrónica.

A introdução do ponto de vista sincrónico, pode ser considerada como o início de uma nova etapa na linguística, se tivermos em conta que no século XIX imperou o historicismo.

É situando o Cours na sua época, que melhor compreenderemos a insistência no primado da sincronia. Numa época em que toda a prioridade e importância são concedidas à linguística histórica, há dificuldade em aceitar e até em compreender bem a dicotomia sincronia-diacronia.

No artigo “Principes de phonologie historique”, Roman Jakobson considera que será um grande erro tomar estático como sinónimo de sincrónico e acrescenta que “la coupe statique est une fiction: ce n’est qu’ un procédé scientifique de secours, ce n’est pas un mode particulier de l’être” e que tal como um filme pode ser considerado diacronicamente ou sincronicamente, não correspondendo neste último caso a uma só imagem do filme, assim acontece com a língua. Roman Jakobson, em 1952, retoma a metáfora do filme, para explicar que mesmo num momento dado, a imagem continua a passar e o que observamos é o movimento. Só nos cartazes publicitários observamos a estaticidade, mas isso não é necessariamente sincrónico. Jakobson procura demonstrar que tanto em sincronia como em diacronia existem aspectos estáticos e dinâmicos. Recusa a relação de equivalência entre sincrónico/estático e diacrónico/dinâmico, dizendo: “Il me semble que la grande

erreur et la grande confusion, la séparation tranchée entre synchronie et diachronie, a dans une large mesure été due à la confusion entre deux dichotomies. L'une est la dichotomie entre synchronie et diachronie, l'autre la dichotomie entre statique et dynamique". Jakobson não aceita uma clivagem completa entre a linguística sincrónica e a linguística diacrónica, tal como não aceita que ambas tenham metodologias inteiramente diferentes ou que tratem de problemas fundamentalmente diferentes.

Em 1955, André Martinet em *Economie des changements phonétiques*, clarifica que não se deve ignorar a complexidade da realidade linguística em nome da descrição estrutural. Critica Saussure na medida em que ele considera a mudança como destruidora da estrutura, e tal como Coseriu, afirma não haver incompatibilidade entre estrutura e evolução. Partilhando com Jakobson e Coseriu a ideia de que a sincronia não deve jamais ser identificada com estaticidade, Martinet é o primeiro a propor o conceito de sincronia dinâmica:

Martinet advoga que ao estudo diacrónico, que visa comparar diferentes estados sucessivos do mesmo objecto, se oponha uma sincronia dinâmica, onde se concentre sobre um só e mesmo estado, mas sem que isso implique renunciar ao levantamento e avaliação do carácter progressivo ou recessivo de determinado traço. Esta perspectiva é para nós essencial em termos de análise sintemática, uma vez que aí temos um campo privilegiado de co-ocorrências de vários sistemas em simultâneo.

Concebendo a língua como instrumento de comunicação, tal como Martinet entendemos a língua em permanente mudança, com o objectivo de se adaptar às necessidades comunicativas da comunidade linguística que a utiliza. A língua é um sistema extremamente complexo, decorrendo daí que mesmo uma descrição sincrónica, que visa em termos teóricos, abordar apenas um estado da língua, terá de confrontar-se com a coexistência de vários sistemas, o que acontece nitidamente no domínio da sintemática. O funcionalismo de Martinet postula uma concepção dinâmica dos factos linguísticos. Será deformante qualquer descrição que não reflecta a dinamicidade da língua. A mudança é parte integrante do funcionamento da língua, como se verá a propósito dos sistemas. As línguas mudam porque funcionam.

Como diz Louis-Jean Calvet, os historiadores sabem que o passado muda com o presente e que a reavaliação constante dos acontecimentos ou das obras é tão importante quanto o próprio acontecimento ou obra.

Se retermos o Curso, munidos de um conceito basilar como o de sincronia dinâmica, parecem extremamente apelativos os seguintes excertos: "A chaque instant il [le langage] implique à la fois un système établi et une évolution; à chaque moment, il est une institution actuelle et un produit du passé" ou ainda "Un état absolu se définit par l'absence de changements, et comme malgré tout la langue se transforme, si peut que se soit, étudier un état de langue revient pratiquement à négliger les changements peu importants". O mesmo Saussure afirma que a noção

de estado só pode ser aproximada, correspondendo a uma simplificação convencional de dados.

Olhando retrospectivamente para alguma linguística pós-saussuriana, será talvez legítimo afirmar que se tem erradamente insistido na identificação de sincronia e estaticidade. O presente impõe, não a negação da diacronia e sincronia, mas a presença constante da dinâmica da língua seja qual for a perspectiva adoptada. Para nós, a proposta de Martinet de uma sincronia dinâmica, confronta a linguística contemporânea com as ideias já expressas por Humboldt, para quem a língua deve ser considerada como energia, uma produção, uma actividade criadora que vai além do aprendido.

Se defendemos com Martinet, que a língua é dinâmica por natureza, será necessário e legítimo adoptarmos uma perspectiva de investigação que não negligencie essa dinâmica. Se for nosso propósito respeitar a realidade dos sistemas estudados, afigura-se-nos indispensável que mesmo uma perspectiva sincrónica seja dinâmica. Explicar as mudanças dentro do funcionamento é o objectivo de uma descrição diacrónica. Uma língua muda porque funciona e toda a mudança tem lugar segundo o princípio da economia linguística, num equilíbrio constante entre as necessidades comunicativas e a tendência à redução da actividade mental e física. Refere Martinet a propósito: “O que pode chamar-se economia da língua é esta busca permanente de equilíbrio entre necessidades contraditórias que é preciso satisfazer: necessidades comunicativas por um lado, inércia memorial e inércia articulatória por outro, estas últimas em permanente conflito.” (1985, ELG, 166). A economia é reveladora do dinamismo da língua, o que significa que estudar a economia de uma língua é estudar a dinâmica da sua estrutura, princípio que revela toda a sua pertinência no domínio da sintemática.

Numa perspectiva funcional, a distinção entre sincronia e diacronia, sendo necessária, não poderá levar-nos a confundir a sincronia com uma descrição estática da língua.

Uma língua é uma estrutura profundamente complexa, onde co-ocorrem vários sistemas em simultâneo. Em nenhum momento da sua história uma língua é perfeitamente homogénea.

A sincronia dinâmica é também para nós a perspectiva adequada para uma observação, descrição e explicação dos processos sintemáticos do português europeu contemporâneo. Se as línguas mudam incessantemente, qualquer descrição que menospreze essa dinâmica arriscar-se-á a ser uma rude manipulação dos factos reais. Se a realidade linguística é dinâmica, a imagem que o linguista dá de uma língua não deve renunciar a essa dinâmica.

A criação sintemática é uma característica comum às línguas conhecidas. E o destino de todos os sistemas parece ser o de tornar-se monemas: quem reconhecerá nos monemas *vinagre* ou *fidalgo* do português actual exemplos de sistemas, ou numa época mais remota os sintagmas “*vinho acre*” e “*filho de algo*”? As unidades

sintemáticas podem ter um estatuto indefinido e efêmero nunca chegando a integrar verdadeiramente um dado paradigma.

Os aspectos dinâmicos do âmbito da sintemática têm lugar preferencial nos sistemas formados por cristalização, campo em que por apresentarem frequentemente formas idênticas, é mais difícil distinguir sintagmas e sistemas. Uma descrição da sintemática do português terá consequentemente de ser uma descrição da sincronia dinâmica.

Dissemos a propósito da terminologia, que a mesma deve ser escrupulosamente redefinida ou criada, com uma delimitação criteriosa do valor dos termos usados. Imperioso torna-se agora acrescentar que qualquer terminologia, criada pelo investigador ou redefinida, só terá valor científico por estipulação. A noção de verdade (relativa, é certo), só tem validade no âmbito de uma pertinência previamente estipulada. Ao estipularmos que o objecto que vamos analisar para ser esse objecto deve possuir determinadas características, tal não pressupõe que existam em absoluto ou na realidade perceptível objectos que correspondam exclusivamente e de modo obrigatório à nossa estipulação. A nossa estipulação implica apenas que, por convenção com os nossos interlocutores, abster-nos-emos de usar os termos em causa para designar os objectos que não apresentem as características que retivemos anteriormente por estipulação. Despiciendo será referir que qualquer estipulação terá tantas mais possibilidades de ser aceite como válida na proporção em que o termo escolhido abranja as realidades comumente designadas pelo termo no seu uso geral.

Designamos unidades discretas as que se opõem em absoluto, sem que haja passagem gradual de uma a outra. Os fonemas são por excelência definidos como unidades discretas. Consideremos os fonemas /m/ e /b/, apesar de articulatoriamente próximos os sons que os reproduzem, cada um deles apresenta aquilo a que Martinet chama o seu campo de dispersão. Os vários sons que possamos ouvir pronunciar, inserir-se-ão num ou noutro campo de dispersão, e assim estarão mais ou menos próximos entre si, no entanto, tais fones serão sempre realizações ou da unidade /m/ ou da unidade /b/, não existindo uma unidade linguística com “um pouco de /m/ e um pouco de /b/”. A percepção da identidade das duas unidades nas suas múltiplas realizações, fisicamente diferentes (produzidas por um homem, uma mulher, uma criança, uma pessoa com voz rouca, constipada, etc), é já em si uma operação científica. Numa determinada etapa da análise, estipulamos fazer voluntariamente abstracção das diferenças identificadas. Numa etapa subsequente, algumas dessas diferenças podem revelar as suas próprias pertinências. Por exemplo, considerando um estrangeiro que aprende português, o modo como realiza o /m/ pode indiciar se já consolidou a aprendizagem da unidade, etc. Aludimos, por isso, já anteriormente à previsível e possível existência de pertinências sucessivas, articuladas no seio de uma pertinência geral, que no que respeita às línguas é, para nós funcionalistas, a pertinência comunicativa.

Achamos vantajoso aplicar ao domínio da sintemática a noção de campo de dispersão, não ao nível das unidades como acontece com os fonemas, mas sim ao nível dos subsistemas de sintemas.

Vejamus por exemplo o subsistema dos sintemas nominais. Este subsistema terá um núcleo onde se integrarão todos os sintemas nominais da língua portuguesa em que não há quaisquer dúvidas relativamente ao seu estatuto de sintemas. De um ponto de vista lexicográfico, diremos que os sintemas nucleares do subsistema nominal do português estão dicionarizados, como acontece com cor-de-laranja, cor-de-rosa. Na verdade, não há consenso entre os dicionaristas. As mesmas unidades têm entradas próprias num dicionário, mas não noutra, aparecendo no interior do verbete relativo a um dos seus componentes, por exemplo “rosa” para “cor de rosa”. Não são explícitos quais os critérios que conduziram um autor a atribuir uma entrada própria a “cor de rosa” e outros a negá-la, nem qual a justificação para inserir uma entrada para “cor-de-laranja” e “cor de rosa” e não para “cor de violeta” ou “cor de burro quando fogue”.

Estamos conscientes de que aqui somente erguemos algumas das muitas questões que se colocam a quem investiga sobre sintemas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador, *Forma y sentido en sintaxis*. Madrid: Arco Libros, 2002a.
- _____, *De gramática y semántica*. Madrid: Arco Libros, 2002b.
- GUTIÉRREZ, María Luz, *Estructuras sintácticas del español actual*. Madrid: Sociedad General Española de Librería, 1978.
- GUTIÉRREZ-ARAUS, María Luz, “Sobre la transitividad preposicional en español”. En: *Verba*, 14, 1987, pp. 367-381.
- HERÁNDEZ ALONSO, César, “Sobre el concepto de función”. En: *Serta philologica F. Lázaro Carreter*, Ed, Cátedra, 1983, pp.263-269.
- _____, *Nueva sintaxis de la lengua española*. Salamanca: Ediciones Colegio de España, 1995.
- _____, *Gramática Funcional de Español*. Madrid: Gredos, 3ªed, 1996.
- HERNÁNDEZ APARICIO, F., “Sobre las relaciones interclausales”. En: *Verba*, 19, 1992, pp. 129-176.
- HERRANZ, M. L.; BRUCART, J. M., *La sintaxis*. Barcelona: Editorial Crítica, 1987.
- HJELMSLEV, Louis, *Prolegomena to a Theory of Language*. Madison, London: The University of Wisconsin Press, 1969 [1943].
- _____, *Sistema Lingüístico y Cambio Lingüístico*. Madrid: Gredos, 1976 [1934].
- _____, *Principios de Gramática General*. Madrid: Gredos, 1976.
- HOYOS ANDRADE, Rafael, *Introducción a la lingüística funcional*. Santafé de Bogotá: Publicaciones del Instituto Caro y Cuervo, Series Minor, 1992.
- _____, HOYOS-ANDRADE, Rafael, “Funcionalismo vs. Gerativismo: alguma reflexões de epistemologia linguística”. En: *Alfa*, 26, 1982, pp. 25-31.

- JACOB, Pierre, "Sentido/Significado". En: *Enciclopédia Einaudi - Linguagem - Enunciação*, vol. 2, 1984, pp. 324 - 344.
- JAKOBSON, Roman, *Essais de Linguistique Générale*. Paris: Les Editions de Minuit, 1963.
- _____, "A la recherche de l'essence du langage". En: *Problèmes du Langage*. Paris: Gallimard, 1966, pp. 22 - 38.
- JESPERSEN, Otto, *La philosophie de la grammaire*. Paris : Éditions du Minuit, 1971 [1924].
- _____, *Analytic Syntax*. London: George Allen & Unwin Ltd, 1937..
- KOVACCI, Ofelia, "Modificadores de modalidad". En: Kovacci, Ofelia, *Estudios de gramática española*. Buenos Aires: Hachette, 1972 [1986].
- _____, *Estudios de gramática española*. Buenos Aires: Hachette, 1986.
- MARÇALO, M^a João, "O Círculo Linguístico de Praga e a concepção de fonema". En: *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, 1992 b, pp. 202-210.
- _____, *Introdução à linguística funcional*. Lisboa: ICALP/ Ministério da Educação, 1992c.
- _____, "La fluctuacion de phonèmes en portugais". En: *Travaux du SELF - Séminaire de Linguistique Fonctionnelle*, vol. III, 1993-1994, THEDEL-Sorbonne, Paris, 1994b.
- _____, "Synthèmes dans la presse portugaise". En: *La linguistique*, vol.30, 1994c, pp. 79-83.
- _____, "A flutuação de fonemas - uma questão de fonologia ou de morfologia?". En: *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, 1995a, pp. 255-268.
- _____, "A riqueza da diferença ou as línguas como sistemas abertos". En: *Actas do I Congresso Internacional de Língua Portuguesa e Literaturas em Língua Portuguesa - Ensino e Investigação*. Escola Superior de Educação de Santarém, 1995b.
- _____, "Synthèmes et unités qui tendent à la synthématisation dans la presse portugaise". En: *Actas - XIX Colóquio Internacional de Linguística Funcional*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1995c, pp. 87 - 93.
- _____, "O estudo de sistemas formados por composição e cristalização na linguística portuguesa". En: *Anais da Universidade de Évora*, 1996a, pp. 85 - 103.
- _____, "Palavras compostas ou sistemas formados por composição e cristalização no português europeu". En: M^a do Carmo Henríquez y Antonio Rifón (eds.), *Estudios de Morfología*, Departamento de Filología Española - Universidade de Vigo, 1996c, pp. 91-110.
- _____, "Léxico de la prensa portuguesa contemporânea". En: *Actas de III Jornadas Internacionales sobre Estudio y Enseñanza del Léxico*, Universidade de Granada, 1997a, pp. 138-145.

- _____, “Synthématique et économie linguistique”. En: *Cahiers de l’Institut de Linguistique de Louvain*, Louvain-la-Neuve, Peeters, CILL 22.3-4 - 23.1-2, 1997b, pp. 167- 171.
- _____, “Sintemas do português actual. Elementos para o estudo da sua estrutura axiológica”. En: RUFFINO, G. (org.), *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza - Università di Palermo*, 18-24 settembre 1995, vol. 3, Tübingen, Max Niemeyer, 1998, pp. 471-476.
- _____, “Da transitividade”. En: *Razão e Emoção – Volume de Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, vol.1, Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 2003, p.235.
- _____, “Funções sintácticas e classes: teoria e problemas”. En: Costaouec, D.(org.), *As línguas no dealbar do século XXI, Actes du XXII Colloque international de linguistique fonctionnelle*, Évora, Universidade de Évora, 2004, pp. 209-216.
- MARCOS MARÍN, Francisco, *Curso de Gramática Española*. Madrid: Editorial Cincel, 1980.
- MAROUZEAU, J., *Lexique de la terminologie linguistique*. Paris: Librairie Orientaliste Paul Guenther, 1961.
- MARTÍN ZORRAQUINO, M^a Antonia, *Las construcciones pronominales en español*. Madrid: Gredos, 1979.
- MARTINET, André (dir), *Grammaire fonctionnelle du français*. Paris: Didier/Crédif, 1979.
- _____, “Syntagme et syntème”. En: *La linguistique*, 2, 1967, pp. 1-14, Reproduzido em 1975, *Studies in functional syntax*, München, Wilhelm Fink, pp. 182-195.
- _____, “Qu’est-ce que la morphologie?”. En: *CFS*, 26, 1969, pp. 85-90.
- _____, *Studies in Functional Syntax*. München: Wilhelm Fink, 1975.
- _____, “Autour du syllemme”. En: *RRL*, xxv, 5, 1980, pp.551-554.
- _____, *Elementos de Linguística Geral*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 10^a ed. portuguesa, tradução de Jorge Morais Barbosa, 1985.
- _____, *Syntaxe Générale*. Paris: Armand Colin, 1985b.
- _____, “Que faire du «mot»?”. En: SWIGGERS, Pierre, VAN, 1986.
- _____, *Mémoires d’un linguiste - Vivre les langues, entretiens avec Georges Kassai et avec la collaboration de Jeanne Martinet*. Paris: Quai Voltaire, Édima, 1993.
- _____, *Função e dinâmica das línguas*. Coimbra: Almedina, tradução portuguesa de Jorge Morais Barbosa e M^a Joana Vieira Santos, 1995a [1989].
- _____, “Functional grammar”. En: E.F. Koerner, R.Asher, *Concise History of the Language Sciences*. Oxford: Elsevier Science, Pergamon, 1995b, pp. 290-295.
- _____, “Le syntème”. En: *La linguistique*, vol. 35, fasc 2, 1999, pp. 11-16.

MARTINET, Jeanne (dir.), *De la théorie linguistique à l'enseignement de la langue*. Paris: PUF, 1974.

_____, *Chaves para a Semiologia*. Lisboa: Dom Quixote, 1976 [1974].

MARTÍNEZ ÁLVAREZ, Josefina, "El suplemento: repaso y revisión". En: CASADO VELARDE, M., *Scripta Philologica in Memoriam Manuel Taboada Cid*. Universidad de A Coruña, Tomo I, 1996, pp. 493-508.

MARTÍNEZ GARCÍA, Hortensia, *El suplemento en español*, Madrid: Gredos, 1986.

MARTÍNEZ, José Antonio, *Cuestiones marginadas de gramática española*. Madrid: Istmo, 1994.